

**DISCURSO DE POSSE  
NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO MARANHÃO  
JOSÉ AUGUSTO SILVA OLIVEIRA**

Excelentíssimos Senhores Professores **Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo e Leopoldo Gil Dulcio Vaz**, respectivamente presidente e vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão - IHGM, por intermédio dos quais saúdo as autoridades aqui presentes e à Mesa Diretora desta Sessão Solene.

Referencio a presença da Doutora Olga Maria Lenza Simão, digníssima Secretária de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, nesta cerimônia representando a Excelentíssima Senhora Doutora Roseana Sarney Murad, Governadora do Maranhão.

Confrades e Confreiras, Senhoras e Senhores recebam, também, as minhas fraternais saudações.

Saudações que estendo, de um modo muito particular, ao amigo e companheiro de militância,

Professor Gustavo Pereira da Costa, Vice-Reitor da Universidade Estadual do Maranhão, aqui presente; aos amigos e colegas Pró-Reitores, Diretores de Centros de Ciências e de Estudos Superiores, Diretores de Cursos, Chefes de Departamentos e demais gestores; aos professores e servidores da nossa tão valorosa Universidade Estadual do Maranhão.

Aos seletos convidados aqui presentes.

Senhoras e Senhores.

Estar aqui entre vós, membros deste nobre Instituto que produz, cultua e veicula a historio(geo)grafia, é para mim das mais gratas

satisfações já experienciadas na minha vivência/convivência acadêmica e também o mais honroso júbilo.

***“Você vê coisas e diz: por quê? Eu sonho coisas e digo: por que não?”***

Um tanto quanto extasiado, reconheço-me nesta frase de George Bernard Shaw (1856-1950). E é deveras reconhecido que elevo a mente aos céus num gesto de gratidão que não tem como se conduzir pelo estreito estuário das palavras. Agradeço, portanto, a Deus, pela vida e pelas inúmeras felicidades com que me agraciou. Deus, a quem consagro este momento solene, em todas as suas honras e lauréis, alegrias e satisfações.

E assim, com a devida vênua de todos os que me ouvem, evoco, também agradecido e em atitude de consagração deste honroso mérito, a minha família, em todos os meus ascendentes e descendentes – meu pai Manoel Quadros de Oliveira, falecido em 1986 e muito

carinhosamente minha amada mãe Maria de Lourdes Silva Oliveira, recentemente chamada de volta à Casa do Pai, juntamente com os meus caros e diletos irmãos Pedro José Fernandes de Oliveira Neto e Manoel Quadros de Oliveira Filho. Dentre os meus ascendentes, não poderia deixar de evocar, também, o saudoso tio Monsenhor Clodomir Brandt e Silva, o “Pe. Brandt de Arari”, pároco naquele município, por 50 anos, uma referência, como clérigo e intelectual na minha família, pessoa sublime, que sempre plantou, na minha alma, a pródiga semente da ESPERANÇA e profetizou sonhos realizáveis na vida deste seu sobrinho em quem tanto apostava – como o vir a ser Reitor da Uema e membro deste ilustre Instituto do qual teve a honra de ser sócio-correspondente... E eis que hoje, aqui e agora, está a se realizar mais uma de suas profecias... Sou, deveras, imensamente grato a esse grande educador maranhense. Seu vulto perpassa-me sobre os ombros e senta-se ao meu lado, nesta hora, nutrindo-me com o seu exemplo memorável e sua força inexaurível, na magna tarefa que me aguarda.

Consagro, ainda, este momento aos meus irmãos Antonio José, José de Ribamar e José Cláudio e a minha irmã Maria da Conceição Silva Oliveira aqui presentes; a minha esposa Aidê Duarte Oliveira, a meus queridos filhos Pedro Henrique e Marcus Rogério Duarte Oliveira; à minha nora Luciana Marques Vieira da Silva Oliveira e, em especial, à minha primeira neta, recém-nascida, Maria Eduarda Vieira da Silva Oliveira – impossibilitados de estar aqui, nesta hora, por força das contingências e de compromissos indeclináveis na capital do País, onde residem.

Enfim, saúdo, homenageio e consagro, também, este momento, aos confrades e confreiras que me concederam a unanimidade dos seus votos, em assembleia geral, realizada a 25 de janeiro deste ano de 2012, aos quais agradeço penhoradamente a honra desta investidura, e, ainda, aos valorosos companheiros e companheiras do *Rotary Club International* (presentes e/ou ausentes a esta celebração), com quem divido a minha alegria nesta noite inesquecível.

Assim, invocando a proteção do Pai Altíssimo e a favorável acolhida dos homens de boa vontade, assumo, hoje, a Cadeira de nº. 21 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, patroneada por ANTÔNIO HENRIQUES LEAL, realimentando o meu espírito com os indumentos da humildade e da coragem, virtudes que, nos jardins de minha devoção mais íntima, passeiam de mãos dadas, como irmãs inseparáveis.

É uma grande honra que se conjuga a uma responsabilidade imensa, um enorme desafio, portanto, o ter sido escolhido para integrar o quadro de sócios desta importante e proficiente instituição cultural e sócio-acadêmica.

Refletindo um pouco mais, admito ter sido uma ousadia, aceitar esta minha indicação e foi com agradável surpresa, que recebi a Carta nº 004/2012 (de 26/01/2012), informando de minha aprovação para ocupar a já referida cadeira neste Instituto, sendo eu carente de afirmação entre os que fazem da história, da

geografia, da antropologia e da etnografia, objeto de seus estudos e preocupações. E só direi palavras, neste momento – e estas só se justificam – até o ponto em que possa explicar, a mim mesmo, antes de tudo, o sentido primeiro de tamanha generosidade desta Casa.

Não obstante, porém, as minhas limitações, prometo que tudo farei para dignificar e engrandecer esta instituição, à qual estou a me consorciar. Tenho a exata noção de que empresas como o IHGM constroem-se no tempo, pelas obras de seus integrantes, pelo respeito à sua imagem pública. Empreendimentos como este crescem, em razão de atitudes sociais e culturais definidas, ainda que divergentes. Instituições como o IHGM (ao qual passo a pertencer), têm fundamentos, projetos de futuro, exigem frequência habitual, sócios convergentes em torno de ideais e produção acadêmica.

Quero externar o meu sentimento de rara felicidade por estar sendo recebido como sócio efetivo, neste **04 de maio** que, de hoje em diante, converter-se-

á num marco memorável na minha história pessoal. Muito me honra ocupar a Cadeira de nº 21, patroneada por Antônio Henriques Leal e que teve como primeiro ocupante, fundador, portanto, o Major José Luso Torres, eminente figura literária do nosso Maranhão, que a uma primorosa cultura humanística e ao brilho sem jaça do talento, soube adicionar exemplar probidade na vida privada e ardoroso devotamento cívico na vida pública, o que lhe granjeou o respeito e a admiração dos seus coevos. Rendo-me, também, em reverências ao Dr. José de Ribamar Seguins, honorável Promotor de Justiça – hoje, decano do IHGM, meu antecessor imediato. A ele, minhas homenagens!

Posso dizer, Senhoras e Senhores, que esta minha alegria ora experimentada, se faz intensificar, mais ainda, por estar ingressando neste Sodalício, neste ano da graça de 2012, quando a nossa excelsa São Luís comemora os seus 400 anos de história e trajetória. Alegria que até se me reveste de orgulho por entrar nesta egrégia associação científico-cultural, tendo como patrono uma das mais insignes personalidades



maranhenses, um dos mais firmes baluartes no processo de formação da nossa cultura, sobretudo na vertente histórico-literária, que tanto enriquece as nossas tradições culturais.

É parte intrínseca da missão, que ora desempenho, discorrer sobre a figura ilustre de ANTÔNIO HENRIQUES LEAL – aquele que mereceu, nesta terra, o honroso cognome de **Plutarco Maranhense**, por ter-se dedicado, intensamente, à Literatura, como biógrafo, publicista e historiador literário de seus conterrâneos / contemporâneos, tendo compilado e editado as *Obras Completas* de João Lisboa e de Gonçalves Dias, além dos quatro tomos do *Pantheon Maranhense*, contendo as biografias póstumas de 19 intelectuais desta terra, pretendendo, assim, fundar uma *Monumenta* maranhense, projeto que se concretizou, legando ao nosso Estado considerável e expressivo referencial, sobretudo no que tange aos intelectuais formadores do **Grupo Maranhense**.

Procedente de uma casta de bem situados produtores rurais, filho de Alexandre Henriques Leal e Ana Rosa de Carvalho Reis, nasceu Antônio Henriques Leal no lugarejo conhecido por Candibas (hoje Cantanhede, então pertencente ao distrito de Itapecuru-Mirim, hoje município independente), em 24 de julho de 1828, tendo falecido no Rio de Janeiro, a 29 de setembro de 1885. Na terra natal, viveu a sua infância, seguindo, na adolescência, para a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, de onde regressa ao Maranhão, decorridos seis anos, diplomado em Medicina, para exercer tão nobre profissão em sua terra – num tempo em que São Luís figurava, no contexto nacional, como uma grande cidade, a quarta mais importante em todo o Império (perdendo apenas para Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo). Mario Meireles refere-se à ocorrência, nestes termos:

*Um dia, porém, ele desceria pela mesma correnteza do rio em que frequentemente vira passar aquelas enormes barcaças pejudas de sacos de algodão e de arroz e, seguindo o mesmo rumo que os levava, chegaria, ele também, a São Luís, a capital da*

*província, de onde, concluídos seus primeiros estudos, prosseguiria, por mar e em uma longa viagem, até a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, a Corte, de onde só regressaria, meia dúzia de anos decorridos e já homem feito, portando um diploma de doutor de medicina* (Maireles, 2001).

E aqui, já se pode falar em um novo tempo, para o nosso Estado – agora descortinando novos horizontes, num panorama diverso daquele vislumbrado no período colonial. São Luís, ostentando um novo cenário, não é mais “[...] **um burgo podre em que as pessoas andavam mal vestidas, em camisões de algodão bruto tingido de preto, como se todos portassem permanente luto por sua miséria [...]**” (Maireles, 2001). O século XIX, pois, que deu à luz o insigne maranhense, afigura-se como uma época de crescimento econômico, advindo do grande latifúndio, tendo no algodão, no arroz e no açúcar, os produtos que alavancaram tal desenvolvimento.

Como se pode notar, o percurso cronológico/existencial do nobre Plutarco Maranhense perfaz uma travessia que se estende da primeira (segundo quartel) para a segunda metade do século XIX, indo até quase ao final da penúltima década da centúria.

É quando a, topograficamente, bela província que, pelos gritos de Manuel Beckman e da maior parte da população, protesta contra a política da primeira Companhia de Comércio do Grão Pará e Maranhão, passa a ser o lar de ricos proprietários de casarões ricamente mobiliados e revestidos com azulejos portugueses. Casarões, em cujo interior as mulheres ornamentam-se com joias finas, ungem-se com os melhores perfumes, comprados de representantes comerciais franceses e ingleses. É “[...] **a São Luís aristocrática/escravocrata do século XIX, cujo perfil nos é retrçado por Aluísio Azevedo, n’O Mulato, por Nascimento de Moraes em Neurose do Medo e Vencidos e Degenerados, Dunshee de Abranches em O Cativeiro, A Setembrada e A Esfinge do Grajaú, por**

**Jerônimo de Viveiros em História do Comércio do Maranhão [...]**”(Corrêa, 2008, p. 82).

A propósito, o norte-americano Daniel P. Kidder (*apud* Moraes, 1979, p.53), que visitou nossa cidade nos anos 40, desse mesmo século, a descreve nestes termos:

*São Luís [...] é a cidade do Maranhão [...] de melhor construção que qualquer outra no Brasil. Apresenta ela, ao visitante, um aspecto de progresso que raramente se nota em outras cidades do Império. Além disso, são poucas choupanas e casebres. Nenhuma de suas igrejas é de grande porte ou por demais suntuosa; entretanto, muitas residências são de fina construção, estilo elegante e aparência sólida. As paredes são fortes, construídas de pedra britada e cimento. Conquanto o casario não seja denso, a cidade espalha-se por uma grande área. [...]*

E ainda acrescenta, o visitante:

*Os maranhenses alegam possuir, e não sem razão, um grau de desenvolvimento intelectual e moral comparável ao de seus patrícios das maiores cidades do Império. Se perseverarem em seus esforços, continuarão a merecer a admiração e o respeito de seus concidadãos como dos estrangeiros (id. ibid).*

Vale ressaltar que São Luís, à época, já conta com o ancestral **Teatro União** (posteriormente Arthur Azevedo), fundado em 1º de junho de 1817, “**em cujo palco se apresentam companhias líricas trazidas diretamente e com exclusividade de Lisboa**” (Meireles, 2001); e com uma **Tipografia**, onde logo desponta um primeiro jornal (1821), dotando a cidade de uma significativa atividade editorial; com uma **Biblioteca Pública** (1836); e ainda com um **Liceu** (1839). Ressalte-se, ainda, que, a essas alturas, os filhos desta terra já estão podendo ir estudar no Reino, na famosa Universidade de Coimbra ou mesmo em outros grandes centros de ensino da Europa, sobretudo França e Inglaterra, de onde voltavam

*aqueles muitos bacharéis e doutores, formados em leis, em cânones, em medicina, em matemáticas, em pontes-e-calçadas, em filosofia, em teologia, e acabassem por se congregar, com poetas e escritores outros, em não poucas sociedades literárias e culturais, enquanto a cidade ia crescendo no número de sobradões senhoriais, de fachadas recobertas de azulejos coloridos e de janelas ornamentadas por arcadas de ferro rendilhadas* (Meireles, 2001).

Outro aspecto da São Luís do século XIX é a constante presença lusa. A propósito, muitos dos comerciantes e proprietários rurais da época eram portugueses – que emigravam para a colônia, no sonho de fazer fortuna e voltar à pátria de origem em outra situação econômica. Outros se acostumavam à terra e por aqui iam ficando. Assim, não é de se estranhar a tardia adesão do Maranhão à República...

Nessa São Luís próspera, então reflexo do grande êxito da agricultura maranhense em seu vantajoso comércio interno e de relações exteriores, no seio dessa

sociedade elitizada, que dá à luz o famoso **Grupo Maranhense** (1832) – primeiro estágio da nossa literatura – viveu e conviveu **Antônio Henriques Leal**.

Cidadão deveras considerado e respeitado, seja pela sua posição social, seja pela sua competência profissional, como jornalista, político e médico, Antônio Henriques Leal pode exercer, com muita credibilidade e dignidade, a medicina entre os seus conterrâneos, sempre integrado à sociedade local, atuante no circuito intelectual das agremiações literárias – membro que foi (e um dos fundadores) do **Instituto Literário Maranhense**, do **Gabinete Português de Leitura** (do qual foi sócio honorário), do **Ateneu Maranhense** e da **Associação Tipográfica do Maranhão** e ainda: sócio-correspondente do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, da **Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional** e da **Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa**.

Mas, não só na intelectualidade, brilhou o nosso Henriques Leal. Na política, também, foi de uma



liderança comprovada, como Vereador, Presidente da Câmara Municipal (1865-1866) e Deputado Provincial (1866).

De sua vida pública, ainda há registros de que exerceu, no Maranhão (ainda que apenas por um mês), o cargo de **Auxiliar da Junta de Higiene Pública** (1855 – por nomeação do Presidente da Província) e, no Rio de Janeiro, o de **Regente do Colégio Pedro II** e **Diretor do Internato** (1860-1865) dessa tão conceituada instituição de ensino, modelo educacional então seguido em todo o País.

Como jornalista, estreou em periódicos de teor político, como **O Progresso**, do qual foi colaborador (1847-1848) e redator (1861), passando para **A Imprensa** (que fundou, ao lado de Fábio Alexandrino de Carvalho Reis e Antônio do Rego – 1857/1861), para o **Publicador Maranhense**, como redator (1864-1865), e para **A Conciliação**, como devotado colaborador.

O jornalismo cultural e literário exerceria um tanto quanto mais tarde, em periódicos como **O Arquivo, Jornal de Instrução e Recreio, Semanário Maranhense** e ainda na **Revista Universal Maranhense**, até vir a dedicar-se, decidida e definitivamente, à prática da Literatura, ao afastar-se das atividades políticas (por questões de saúde), transitando, pois, do jornal para o livro, para consagrar-se como publicista, historiador, biógrafo e crítico literário.

Como literato, iniciou com os **Apontamentos Estatísticos da Província do Maranhão** (1860) e com um **Calendário Agrícola**, até dar a público os seus primeiros estudos sobre a **História da Província do Maranhão**. Em 1862, produziu uma **Introdução** para a **História da Independência da Província do Maranhão** (de autoria do Visconde Vieira da Silva). Em 1864, é a vez da **Nota Biográfica**, anexa ao primeiro volume das **Obras de João Francisco Lisboa** (de que foi editor, em parceria com Luís Carlos Pereira de Castro). Em 1866, sob o pseudônimo de Judael de Babel-

Mandeb, tornou-se coautor do romance coletivo **A Casca da Caneleira**, publicado nesse mesmo ano, por iniciativa de Belarmino de Matos. Em 1867, traduziu as **Cartas** de Jules Liebig (sobre Química) e compôs o **Prólogo** às Obras Póstumas de Antonio Gonçalves Dias, da qual também se fez editor (Gráfica Belarmino de Matos, São Luís, 1868-1869).

O melhor de sua produção literária, entretanto, foi aquela que ficou como que a maturar, em silêncio, numa gestação, a eclodir, saudável e robusta, na década de 70 (Sec. XIX), para enriquecer a memória e o cânone literário maranhense.

É quando, paradoxalmente, a saúde física se lhe vai minando, que vem a público, editado pela Imprensa Nacional de Lisboa (1873-1874), o destacável e valioso **Pantheon Maranhense** (composto em quatro volumes, contendo estudos biográficos sobre os mais tradicionais representantes das nossas Letras que, pelo brilhantismo de suas obras, conferiram ao Maranhão o epíteto de Athenas Brasileira), seguindo-se os

**Apontamentos para a História dos Jesuítas no Brasil** (em dois volumes), do volume único em que reuniu suas **Lucubrações** (pequenos ensaios versando sobre medicina, história e literatura), e a **Biografia de Antônio Marques Rodrigues** (1875).

É no **Pantheon Maranhense**, que encontramos, magistralmente biografados, muitos dos nossos mais insignes homens de Letras, bem como representantes políticos. O primeiro volume, por exemplo, traz **Manuel Odorico Mendes** (latinista e helenista, tradutor de a Eneida de Virgílio, autor do **Hino à Tarde** que, publicado em 1832, no Rio de Janeiro, serve de marco inicial do famoso **Grupo Maranhense**); **Francisco Sotero dos Reis** (professor, jornalista, latinista, gramático e historiador literário); **José Cândido de Moraes e Silva** (jovem paladino da liberdade de imprensa); **João Inácio da Cunha** (o Visconde de Alcântara, chanceler da Casa da Suplicação, ministro do Superior Tribunal de Justiça, Chefe de Polícia na Corte, senador e ministro do Império); **Antônio Pedro da Costa Ferreira** (o Barão de Pindaré, constituinte às

Cortes de Lisboa, deputado provincial e geral, senador do Império e presidente da Província).

O segundo, apresenta dez biografados, cinco destes, senadores, ou conselheiros do Império, dentre os quais se destaca o Chefe Militar e Brigadeiro **Feliciano Antônio Falcão**. O terceiro volume é todo dedicado ao poeta **Gonçalves Dias**. O quarto, ao jornalista e historiador **João Francisco Lisboa**, ao poeta **Antônio Marques Rodrigues** e ao naturalista **Frei Custódio Alves Serrão**.

Como ainda o atesta Mario Meirelles:

*[...] o Pantheon é assim como um abrangente retrato de grupo, que o autor, como se fora um fotógrafo ou pintor, tentou reunir e preservar, para o conhecimento dos coevos e para a memória dos pósteros, a imagem de cada um daqueles seus conterrâneos e contemporâneos que, já falecidos, ele já conhecera e admirara, e os quais, por sua inteligência, por seu talento, por sua cultura, por seu serviço, por suas obras, haviam sido – e disso ele era*

*testemunha, os responsáveis primeiros de a província natal ter, quase instantaneamente, se transformado do Maranhão Velho, pobre e inculto, da Colônia, ao Maranhão Novo, enriquecido e admirado do Império, e que ele podia testificar porque antes já lhe estudara e escrevera a História.*

Assim, numa visão panorâmica da vida cultural e literária do Maranhão do Século XIX, **Pantheon Maranhense** foi o último trabalho de Henriques Leal, a bem dizer o Canto de Cisne deste ícone da nossa historiografia literária que, lutando contra a saúde debilitada, deixa, dos idos dos anos 80, do século em referência, um como que documentário, da vida cultural e literária do nosso Estado, àquela época.

Senhora Presidente, nobres confrades e confreiras:

A homenagem, senhoras e senhores, também é um dever de justiça. Permitam-me, a esta altura, incluir nesta minha oração, os nomes de todos os ocupantes dessas Cadeiras patroneadas por vultos de exaltada

glória, e antes deles, dignificadas por quantos se inscreveram como sócios do IHGM.

Por certo, nossos antecessores, com discernimento, clareza e liderança, souberam manter a força e o encantamento da organização e garantir-lhe o seu elevado sentido. Em verdade, tão eméritos são os nomes que compõe este Instituto, que não posso negar o justo orgulho de, a partir de agora, dele fazer parte. Aos eminentes membros da Comissão de Admissão, instância que corresponde à própria Assembléia Geral deste Instituto, manifesto o meu especial e profundo reconhecimento pela benevolência que me confere o galardão que ora recebo, nele vendo um claro estímulo para incursionar pela pesquisa das ciências sociais ou, simplesmente, como espaço privilegiado para professar a minha fé inabalável na Ciência e na Cultura como instrumentos de promoção do homem a patamares de vida plena e fecunda.

Com especial emoção agradeço as palavras com que me recebeu, representando o Colegiado, o meu estimado amigo e companheiro de universidade, Prof. Célio Gitahy Vaz Sardinha, atribuindo as gentilezas que por ele me foram dirigidas, à sua conhecida e costumeira generosidade.

Digo, pois, ao IHGM, que estou pronto para ajudá-lo, como um operário dos seus sonhos e de suas mais vivas aspirações. Proclamo, então, com muita honra e orgulho, que me incorporo, a partir de hoje, à coorte privilegiada dos cidadãos e cidadãs ocupantes das cadeiras deste Sodalício.

A emoção imprime-se no fluxo de minha exposição e perpassa por minhas mãos e meus lábios, extravasando, no ritmo borbulhante e na entonação de minha voz, ao pronunciar cada sílaba, nesta hora de minha louvação primeira ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão.



E louvar o IHGM, caros ouvintes, é enaltecer o Estado do Maranhão, por tê-lo como patrimônio do seu povo.

Fundado em 20.11.1925, no primeiro quartel do século XX, o IHGM segue seu desiderato nos dias de hoje, em busca de seus objetivos primordiais, que são, entre outros, os de estudar, debater e divulgar questões sobre História, Geografia e Ciências afins, referentes ao Brasil e, especialmente, ao Maranhão; e cooperar com os Poderes Públicos nos projetos e ideais que visem ao engrandecimento científico e cultural do Estado.

Sob a égide de um Instituto que mantém acesa a flama de nossa rica memória, reverencio, portanto, os intelectuais (expressivas figuras das letras timbiras) que, apoiando a idéia do Prof. Antônio Lopes da Cunha, fundaram, há quase 87 anos, uma “associação científica para o estudo e difusão do conhecimento da história, geografia, etnografia, etnologia, arqueologia do Maranhão”, que, no dizer do seu idealizador e fundador,

“foi criado para cultuar a tradição, venerar o passado, estudar o Maranhão”.

Só o desvelo de seus dirigentes (atuais e do passado) e de seus sócios, fundadores ou sucessores, foram e são capazes de fazer a Casa de Antônio Lopes chegar até os dias de hoje, prestando relevantes serviços ao nosso Estado, expressão viva da nossa cultura.

Experimentando esta emoção tão nova, semelhante a tantas outras situações e ao mesmo tempo tão diferente, por ser só minha, pessoal e intransferível – emoção como a de quem ganha de presente um livro novo, torna a ver velhos amigos, firma um compromisso de noivado ou troca alianças de indissolúvel matrimônio - almejo que o IHGM progrida e se afirme, cada vez mais, como um marco de referência positiva no Maranhão e no mundo.

Compreendam, pois, minhas senhoras e meus senhores, e sintam comigo, a alegria que habita e avassala o meu ser, nesta culminância de minha humana caminhada.

Serei humilde, porém, o bastante, para reconhecer-me devedor a uma legião de servidores da Causa Comum, dos quais, vassalo em prontidão, reconheço-me, hoje, elevado à torre mais alta. Refiro-me, agora, a minha Universidade! A nossa Universidade Estadual do Maranhão.

Julgo que universidades e associações científicas e culturais são entidades afins, que lutam por ideais comuns, que trilham árduos caminhos a serviço da educação e da ciência, e marcam suas presenças, ao longo do tempo, num intenso e valioso compromisso com o conhecimento científico e com a tradição cultural, cabendo-lhes a missão intransferível de preservar a identidade daquilo que é o maior patrimônio de um povo: a sua cultura.

Ao longo dos seus trinta anos de existência, a Universidade Estadual do Maranhão vem formando cidadãos, preparando profissionais para a vida e exercendo, neste Estado, o indiscutível papel de vanguarda, na produção, na crítica e na difusão do conhecimento. A Uema, que é hoje, reconhecidamente, a principal alavanca para o desenvolvimento sustentável do Maranhão, oferece o ensino superior nos seus mais longínquos municípios, levando àquelas populações a esperança de dias melhores e a liberdade ilimitada que o saber proporciona.

Por seu turno, o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, ora completando o seu 87º aniversário, cultua, preserva, estuda e divulga questões sobre História, Geografia e Ciências afins, no cenário maranhense e brasileiro. Esta egrégia Instituição guarda a memória daqueles que marcaram sua existência, consolidando posições e possibilitando

novos rumos aos acontecimentos e à história deste Estado.

Ambas instituições, Uema e IHGM, têm o compromisso de conciliar o social, o econômico e o cultural com a prática do humanismo, da justiça e da liberdade, esteios da democracia plena. A elas, cabe incentivar ações pertinentes ao cumprimento de seus objetivos, pelo que se faz necessário, não só investir na pesquisa científica, na inovação tecnológica, mas também nas artes, na literatura, na pesquisa histórica, na defesa do patrimônio histórico, artístico e cultural.

O Instituto de História e Geografia do Maranhão foi criado para cultuar a tradição, venerar o passado, estudar o Maranhão. E aqui vale lembrar José Ortega y Gasset (1883-1955), um dos maiores filósofos espanhóis, que diz, com muita propriedade: “Eu sou o que me cerca. Se eu não preservar o que me cerca, eu não me preservo”.

Caros e ilustres ouvintes, espero não os ter extenuado. Mas se o fiz, perdoem-me: o significado desta ocasião me é, deveras, especialíssimo. Sinto-me extremamente grato e honrado em lhes dirigir estas palavras e me confesso privilegiado por esta cerimônia que me distingue como sócio efetivo desta nobre Associação.

Um mundo novo e melhor sempre poderá ser criado. De fato, o futuro só é possível porque o presente sempre se renova, dia após dia. O futuro está no nascente, onde há luz nova e muitas auroras que ainda não raiaram. Lá está o futuro dos nossos sonhos, sonhos que podemos construir. Mãos à obra.

Guardarei, na minha memória individual e afetiva, este momento. Jamais esquecerei esta experiência que estou vivendo e que só posso defini-la valendo-me do pensamento do imortal Fernando Pessoa, ao expressar:

***O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, fatos inexplicáveis e pessoas incomparáveis.***

Que a paz esteja sempre presente em nossos dias, que a luz da bondade continue a nos mostrar o verdadeiro caminho e que as palavras do Cristo, em seu Sermão da Montanha, continuem a ser o nosso principal Evangelho. Que Deus nos abençoe.

Esta é a mensagem sincera que transmito às ilustres personalidades aqui presentes, amigos, convidados e familiares que dão a esta noite, para mim, especial colorido. A todos, devo o incentivo que me faz subir este importante degrau na escada da cultura – aspiração das mais nobres de um cidadão.

Muito obrigado.

## REFERÊNCIAS

- CORRÊA, Dinacy Mendonça. **AUGUSTO CÉSAR DOS REIS RAYOL: do rio do esquecimento para a nossa memória literária.** *In:* FURTADO, Maria Sílvia Antunes. **Coletânea de artigos e ensaios linguísticos e literários - ISBN 978-85-86036-37-5.** São Luís: Editora Uema, 2008, p 79 a 98.
- COSTA, Eduardo Monteiro (orientando); CORRÊA, Dinacy Mendonça (orientadora). **Teares da Literatura Maranhense - O grupo Maranhense.** Projeto de Pesquisa BIC-Uema/Fapema. São Luís: Uema/Cecen/Letras. 2005-06 (inédito).
- LEAL, Antonio Henriques. **Pantheon Maranhense.** Tomo I. Editora Alambra, 1987.



MARQUES, César Augusto. **Dicionário Histórico e Geográfico do Maranhão**. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro. Cia. Editora Fon-fon e Seleta, 1970.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão**. Notas e apuração textual de Jomar Moraes. 3<sup>a</sup>. ed. São Luís. Edições AML, 2008.

MEIRELLES, Mário Martins. **Panorama da Literatura Maranhense**. São Luís: AML s/d.

MORAES, Jomar. **Apontamentos de Literatura Maranhense**. São Luís: Sioge, 1976.

VIEIRA FILHO, Domingos. **Breve História das Ruas e Praças de São Luís**. 2<sup>a</sup>. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica Editora Ltda. 1971.

